

190				
			312	

Monte Pascoal ainda é restrito aos índios

Entrada do monte é fechada com corrente pelos índios

Primeiro ponto avistado por Pedro Álvares Cabral, o Monte Pascoal é tido pelos índios como a baliza do Brasil. Para lá convergem, desde sábado, 200 representantes dos 215 povos indígenas registrados no País. Ao pé do monte, que os índios elegeram como símbolo de resistência indígena em setembro de 1999, três mil índios se reúnem segunda-feira num ato público que terá a presença da Anistia Internacional.

Com rituais sagrados, danças e muita discussão, eles se preparam ao pé do monte para a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, que aconteceu terça-feira passada, em Santa Cruz de Cabrália, a 22 quilômetros de Porto Seguro. Na conferência, que terá 150 organizações ligadas aos índios, eles pretendem ava-

liar o que representa para os nativos os 500 anos do descobrimento e traçar propostas para que sociedade e Estado estabeleçam novas relações com os povos indígenas. E debaterão perspectivas para "outros 500 anos".

Acesso

O clima é de expectativa para os pataxós, que vêm recuperando o Monte Pascoal. Oito mil índios moram em 12 aldeias, grande parte oriunda de Barra Velha, a aldeia mãe.

"A área estava ficando tão pequena que, se algum índio quisesse fazer uma casa, tinha que ser dentro de outra casa. O que a gente quer é a terra de volta, tudo que o branco nos tirou", reclama Luís Francisco do Nascimento, Taquary, na Fazenda Juanice, ocupada pelos

pataxós desde março.

Na entrada do Monte Pascoal, o acesso não é permitido a brancos e a estrangeiros. O local é fechado com uma corrente, vigiada 24 horas por pataxós. Disputado por fazendeiros, o Monte Pascoal - hoje Parque Nacional - também é reivindicado pelo Ibama, que entrou com ação de reintegração de posse contra a Funai, acusando os índios de destruírem a floresta. A Justiça determinou a desocupação, mas a ordem não foi executada. Os índios temem que ela aconteça após a festa dos 500 anos.

"Depois dos 500 anos, a gente não sabe se o que vem é bom ou ruim. Aqui moravam povos indígenas, os mais velhos se foram. Vamos lutar pelos direitos dos que ficaram", diz Alcino Gonçalves, o Porruí.

